

O COLETIVO MÃES NA UFRGS: AÇÕES, DESAFIOS E CONTRIBUIÇÕES

Ana Paula Dahlke¹, Gabriela Nobre Bins², Tatiane Martins Terragno³, Simone Santos⁴, Amanda Rosa Ferraz⁵, Maria Terra Pellanda⁶, Ana Luisa Madruga de Rodrigues⁷, Fernanda Stanisçuaski⁸, Vera Regina Oliveira Diehl⁹, Lisandra Oliveira e Silva¹⁰

¹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, anapauladahlke@hotmail.com

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul, ganobre@hotmail.com

³ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, tatiterragno@gmail.com

⁴ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, simonesantosk@gmail.com

⁵ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, amandarfrosa@gmail.com

⁶ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, mariaterrah@yahoo.com.br

⁷ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, luisa.rodrigues@ufrgs.br

⁸ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, fernanda.stanisçuaski@ufrgs.br

⁹ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, veradiehl13@gmail.com

¹⁰ Universidade Federal do Rio Grande do Sul, lisgba@yahoo.com.br

Este estudo apresenta o Coletivo Mães na UFRGS, nossa história, iniciativas e ações como Coletivo e Programa de Extensão universitária, visando sensibilizar a comunidade acadêmica sobre as múltiplas maternidades.

Iniciamos nossas atividades em resposta aos desafios apresentados pela pandemia de Covid-19, em 2020. Atualmente somos 174 membras reunidas em um grupo de WhatsApp, incluindo estudantes de graduação, pós-graduação e servidoras técnicas e docentes da UFRGS. Este grupo tem oferecido apoio, acolhimento, trocas de experiência sobre as maternidades dentro e fora da academia, divulgação de ações do Coletivo, bem como de outros coletivos e instituições que têm provido o debate sobre maternar dentro das Instituições de Ensino Superior (IES).

O Coletivo é composto por mulheres de diferentes faixas etárias, com filhos(as) em sua maioria em idade escolar. Neste contexto particular, em que as mulheres simultaneamente são mães e estudantes, a jornada de trabalho é acrescida ao ter que gerenciar seus estudos e os dos(as) filhos(as). Esse aumento é exacerbado pelo trabalho profissional e pelas funções de cuidado, que, em maioria, são assumidas por mulheres de forma solitária (Zanello, 2016).

Durante a pandemia, as estudantes mães se viram desamparadas e sobrecarregadas com as múltiplas funções a serem desempenhadas de maneira concomitante (Noal, 2021) e essa realidade ficou escancarada. Desde então, o Coletivo tem sido um refúgio e espaço de conforto e desabafo, tendo uma relevância social significativa dentro da UFRGS. Os coletivos maternos

que vêm se constituindo no Brasil desde 2011, têm procurado criar redes de apoio mútuo no interior das universidades, gerando reflexões sobre os desafios na conciliação entre ser mãe e estudante, assim como, a construção de diálogos com a instituição de vínculo, a fim de viabilizar políticas que apoiem a permanência materna nas IES (Oliveira; Souza, 2020).

Com o crescimento do Coletivo Mães na UFRGS e com intenção de impactar a comunidade acadêmica sobre os desafios das maternidades, de forma espontânea, foi organizado um Grupo de Trabalho (GT) para contribuir de forma mais específica e efetiva nas ações e pensar na criação de uma política institucional materna como forma de atender, no contexto da UFRGS, as demandas das estudantes mães.

Em 2023, o Coletivo se transformou em Programa de Extensão, visando formalizar o grupo e expandir suas atividades. Esse Programa, apoiado por uma bolsista e equipe de estudantes e servidoras, objetiva visibilizar os desafios das maternidades na academia e oferecer acolhimento e compartilhamento de vivências que impactam o materno. A extensão universitária emerge como uma potente ferramenta na promoção da equidade de gênero nas IES (Corrêa et al., 2021), e têm possibilitado ampliar o debate científico e meios para enfrentar os desafios históricos da maternidade nas IES.

Metodologia

Com abordagem narrativa descritiva, focamos no desenvolvimento das atividades do Coletivo realizadas no ano de 2023.

Ações Realizadas em 2023

Em 2023 desenvolvemos diversas ações, dentre as quais, oito reuniões presenciais, onde debatemos o ambiente acadêmico, desafios e demandas, repassamos informações gerais e organizamos as ações a serem desenvolvidas pelo Coletivo.

Realizamos duas edições do Evento “Tem mães na UFRGS”, elaborado em parceria com a Pró-Reitoria de Assistência Estudantil (PRAE). O evento aconteceu em dois dos espaços para crianças e mães da UFRGS (Casa Acolhe - Campus Olímpico e IMEzinho - Campus do Vale), e teve como objetivo promover debates sobre como é ser mãe na universidade.

O Coletivo esteve presente em eventos realizados no âmbito da UFRGS, como o “Maior Furtacor”, organizado pela Escola de Enfermagem, que visa sensibilização para a saúde mental materna; as “Qu4rtas na FACED”, da Faculdade de Educação, com objetivo de debater o campo da educação e a formação de estudantes; além das “ConversAções Afirmativas”, do Departamento de Desenvolvimento Social (DEDS), que procura colaborar no processo de fortalecimento das Políticas de Ações Afirmativas na UFRGS.

Participamos do XXIV Salão de Extensão, onde realizamos a oficina “Maternidades na Universidade”, que contou com acolhimento, roda de partilha sobre ser estudante mãe, e a criação de um caderno coletivo de memórias sobre os temas discutidos; e do X Salão EDUFRGS, no qual tivemos a oportunidade de falar sobre o Coletivo, nossa história, vivências e desafios.

O Coletivo também foi tema de uma intervenção artística no mural do Centro Cultural da UFRGS, no projeto Grafite de Giz, que divulga a produção artística do Departamento de Artes Visuais da Universidade, motivada pelo impedimento de uma aluna adentrar com sua filha no Instituto de Artes da UFRGS.

Produzimos materiais gráficos que foram espalhados pelos *campi* da UFRGS e temos mantido um perfil em rede social para divulgar ações e informativos. As redes sociais têm permitido a troca de experiências e mobilização por políticas públicas favoráveis à permanência materna na universidade; além de ampliar a divulgação das ações e pesquisas sobre esta temática (Côrrea et al., 2021).

Atuamos, ainda, com a finalidade de conhecer melhor as integrantes do Coletivo com a construção de um formulário com questões para orientar nossas ações e fomentar políticas de assistência, considerando a maternidade como um marcador social de diferença (Moura; Silva, 2024), que demanda de apoio para superar seus desafios.

Mantivemos e aprofundamos nossa parceria com a Casa Acolhe da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da UFRGS, espaço físico com Ludoteca e uma biblioteca, ambiente para estudos e reuniões, cozinha, fraldário e banheiro com chuveiro; localizada numa ampla área verde, com área coberta à frente, mesas, bancos, balanço e rede.

Fora da UFRGS marcamos presença no III Seminário Maternidade e Universidade UFRJ, promovido pelo Núcleo Materna. O Coletivo está presente, também, no GT do

Ministério da Educação para o desenvolvimento de uma política nacional de permanência materna nas IES, procurando levantar e encaminhar as demandas e particularidades da região Sul, em parceria com outros coletivos.

Nossa atuação impulsiona debates sobre maternidades e reafirma nossa presença nos espaços acadêmicos para destacar e superar os desafios que é ser mulher, mãe, estudante e pesquisadora, fortalecendo a inclusão das mulheres mães e contribuindo para a criação de laços entre nós. Ao adotar medidas de apoio, a Universidade se compromete com a equidade e inclusão, enriquecendo sua diversidade e fomentando um ambiente acadêmico que beneficia toda a sociedade.

Implicações da pesquisa

Destacamos a importância de movimentos sociais, como o Coletivo Mães na UFRGS, na promoção da inclusão e equidade nas IES. As implicações incluem a necessidade de desenvolver políticas institucionais, como flexibilização de horários, criação de espaços de cuidado e políticas de licença-maternidade que assegurem o direito ao afastamento e ao estudo, de acordo com as possibilidades das estudantes, sem perda do vínculo e garantia de permanência até a conclusão do curso.

Considerações finais

A maternidade é um desafio no ensino superior brasileiro. Além de obstáculos acadêmicos, as mulheres mães estudantes enfrentam dificuldades em equilibrar estudos, pesquisas e cuidados maternos. Além de exclusão, falta de suporte, recursos, apoio emocional, logístico e preconceitos. O Coletivo Mães na UFRGS tem sido fundamental, apoiando estudantes e servidoras mães e fomentando uma rede de suporte. Fundamentalmente, o Coletivo promove a conscientização sobre a importância de ações concretas para o ingresso, inclusão, permanência e progressão de mães na universidade, como estudantes e/ou trabalhadoras, direcionando esforços para uma instituição mais inclusiva e acolhedora.

REFERÊNCIAS

Corrêa, M. S., Calmon, L. de S., Reznik, G., Ferreira, M. S. C. G., Menéndez-Delmestre, K., & Baptista, S. F. (2021). Maternidade e ensino superior: A extensão universitária como

ferramenta para promoção da equidade de gênero nas universidades. *Anais III Simpósio Brasileiro sobre Maternidade e Ciência* (pp. 1-5). Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Oliveira, T. V. de, & Souza, M. A. de. (2020). Mães na graduação: política e maternidade nas universidades públicas do Brasil. *Anais VI Simpósio Gênero e Políticas Públicas*, 6, [1769-1785]. <https://doi.org/10.5433/SGPP.2020v6.p1769> .

Moura, I. de O. E. de S.; Silva, J. M. S. (2024). Maternidade como marcador da diferença nas relações sociais. *Mosaico - Revista de História*, 16(4), 54-64. <https://doi.org/10.18224/mos.v16i4.13536>.

Noal, M. L. (2021). A pandemia e a ponte fechada na fronteira: reflexões sobre ser mulher, mãe, estudante, professora. In P. G. da Rocha (Ed.), *Línguas e linguagens na universidade: ensino, pesquisa e extensão* (pp. 14-37). Campinas: Pontes Editores.

Zanello, V. (2016). Dispositivo materno e processos de subjetivação: desafios para psicologia. In V. Zanello & M. Porto (Orgs.), *Aborto e (não) desejo de maternidade(s): questões para psicologia* (pp. 103-122). Brasília: Conselho Federal de Psicologia.